

Cineclube Caleidoscópio: O Cinema como Território Ético de Encontro

Autor: Nelson Velloso

Instituição: Colégio Parthenon Bom Clima

e-mail: nveloso@parthenonplus.com

Eixo Temático: Práticas anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio

RELATO DE PRÁTICA

Ao longo de mais de duas décadas de existência, o Cineclube Caleidoscópio consolidou-se como um território de experiência estética e formação sensível que transpõe as fronteiras da sala de aula sem, no entanto, abandonar sua grandeza pedagógica. Não se trata de “escolarizar” o cinema, nem de transformar o filme em mero pretexto para conteúdos disciplinares. Trata-se, de reconhecer o cinema como linguagem, narrativa e possibilidade de pensamento. O Cineclube Caleidoscópio nasceu e se sustenta na proposta de que a imagem em movimento pode deslocar certezas, ampliar repertórios e provocar modos mais complexos de ver e ver-se no mundo.

Em todas as edições (temporadas anuais), a curadoria se coloca de maneira profundamente ética ao escolher filmes, compreendendo essa escolha não como um ato neutro, mas como um gesto político, cultural e formativo. Nesse sentido, a curadoria do Caleidoscópio sempre parte de alguns princípios fundamentais: diversidade estética, pluralidade geográfica, densidade temática e potência de debate, critérios que estruturam a identidade do projeto.

O cinema nacional recebe destaque, não por um nacionalismo acrítico, mas pela necessidade de reconhecer as narrativas que nos perpassam enquanto sujeitos brasileiros. Ao lado dele, interagem produções latino-americanas, africanas, asiáticas, europeias e do Oriente Médio, compondo um mosaico que faz jus ao nome do cineclube: um caleidoscópio de universos que expandem o horizonte do olhar e da escuta.

Cada filme é escolhido considerando não apenas sua qualidade artística, mas também sua capacidade de cogitar questões contemporâneas — desigualdade social, gênero, racismo, violência simbólica, memória, democracia, diversidade cultural, saúde mental, juventude, etarismo, trabalho, tecnologia e afetos. A partir

dessa perspectiva, há sempre uma gama de questionamentos que orienta a curadoria e o debate: que mundo este filme revela? Que mundo ele oculta? Que silêncios ele carrega? Que vozes ele amplifica? Esses questionamentos prolongam a experiência estética para além da exibição, de modo que a sessão não se encerra nos créditos finais — que, aliás, dizem muito da produção em si —, mas se desdobra em reflexão e diálogo.

O bate-papo que se segue não é uma “atividade avaliativa”, mas um espaço seguro de escuta e fala onde estudantes do 9º ano ao 3º ano do Ensino Médio, professores, pais, ex-alunos e convidados constroem múltiplos sentidos coletivamente.

O envolvimento dos estudantes (e demais participantes), é um dos aspectos mais significativos do projeto. Do 9º ano ao 3º ano do Ensino Médio, os jovens não são espectadores passivos. Participam da divulgação, da mediação das conversas. Essa participação ativa cria uma experiência de pertencimento: o cineclube não é “para” os alunos e alunas; é “com” eles e elas.

Ao longo dos anos, observou-se uma transformação no modo como os estudantes se colocam diante da obra cinematográfica. A princípio, era comum comentários mais imediatos — “gostei”, “não gostei”, “achei pesado”, “achei confuso”. Com o passar do tempo, surgem análises mais complexas: reflexões sobre enquadramento, trilha sonora, construção de personagens, metáforas visuais, contextos históricos e implicações éticas. Paralelamente, intensificam-se processos de identificação e reconhecimento — seja com conflitos, trajetórias ou dilemas vividos pelas personagens —, assim como a capacidade de nomear e problematizar atitudes preconceituosas, violências simbólicas e formas de exclusão. A experiência estética deixa de ser apenas impressiva e passa a envolver posicionamento crítico: há empatia quando ela se faz necessária, mas também repulsa diante de práticas discriminatórias, autoritárias ou desumanizadoras. Esse amadurecimento revela que o olhar se torna mais atento, sensível e responsável.

O ganho didático — ainda que não escolarizado — manifesta-se de maneira profunda. Aprimora-se uma competência de leitura de imagens, fundamental em uma sociedade saturada de telas. Aprende-se a desconfiar da evidência, a perceber que toda narrativa é construída à partir de certos pressupostos. Desenvolve-se, sobretudo, a sustentação da escuta. Nos debates, é comum que opiniões divergentes emergem. O cineclube não busca consenso; busca convivência com a diferença. A prática recorrente de argumentar, ouvir, reformular e dialogar produz um amadurecimento discursivo raro em tempos de polarização e respostas imediatas.

A presença da comunidade escolar amplia essa experiência. Pais e responsáveis, ao compartilharem a sessão com seus filhos e filhas, deslocam-se do lugar habitual de autoridade para o lugar de interlocutores. Ex-alunos retornam e trazem novos repertórios, comparando as experiências vividas no cineclube com suas trajetórias acadêmicas e profissionais. Professores participam não como detentores de respostas, mas como sujeitos igualmente atravessados pela obra. Convidados externos — pesquisadores, artistas, profissionais de diferentes áreas — enriquecem o debate com perspectivas específicas, mas sempre em diálogo horizontal com os estudantes.

Há algo de profundamente democrático nessa configuração. O cineclube se torna um espaço de circulação de palavras onde a hierarquia se atenua e o argumento ganha destaque. A experiência estética compartilhada cria um terreno comum: todos viram o mesmo filme, todos foram afetados por ele, ainda que de maneiras distintas. Essa base comum permite que a conversa se desenvolva em níveis mais complexos, explorando não apenas o enredo, mas as implicações sociais e políticas da narrativa.

É notório que o Cineclube Caleidoscópio contribui para a ampliação da visão de mundo dos participantes. Ao entrar em contato com realidades distintas — geográfica ou simbolicamente —, os estudantes exercitam a empatia e a alteridade. Filmes ambientados em contextos culturais diversos rompem estereótipos e revelam a complexidade de experiências humanas que frequentemente permanecem invisibilizadas. Essa ampliação não é apenas cognitiva; é sensível. Exercita-se reconhecer nuances, a tolerar ambiguidades, a sustentar perguntas sem respostas fáceis.

Outro ganho significativo está na formação da fala. Ao longo das sessões, observa-se que estudantes inicialmente reticentes passam a se posicionar com maior segurança. A prática reiterada de expor ideias diante de um público heterogêneo fortalece a autoconfiança e a capacidade argumentativa. Não se trata de formar “oradores”, mas sujeitos capazes de elaborar pensamentos próprios e dialogar com perspectivas diversas. A escuta, por sua vez, torna-se exercício ético: ouvir o outro não para refutá-lo imediatamente, mas para compreender sua perspectiva.

O cineclube auxilia a produção de memória coletiva. Cada edição se insere na história da escola como um acontecimento cultural recorrente. Certos filmes tornam-se referências compartilhadas, aludidas em outras conversas e contextos. A experiência não se esgota na noite da exibição; ela reverbera nos corredores, nas

aulas, nas redes sociais, nas conversas familiares. O cinema, assim, deixa de ser consumo individual e transforma-se em vivência de comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Em tempos marcados pela aceleração das imagens e pela fragmentação da atenção, o Cineclube Caleidoscópio aposta na duração, na presença e no encontro. Assistir a um filme do início ao fim, em silêncio compartilhado, já é um gesto contracultural. Permanecer para conversar, torna-o ainda mais. O projeto reafirma que a formação não se dá apenas pela transmissão de conteúdos, mas pela vivência de experiências significativas.

Ao longo de suas duas décadas, o Caleidoscópio demonstra que a educação pode se realizar em espaços heterogêneos, onde estética e ética se imbricam. Ao escolher cuidadosamente seus filmes, ao envolver estudantes de diferentes idades, ao abrir-se à comunidade e ao sustentar debates consistentes, o cineclube constrói um território de pensamento e sensibilidade. Não escolariza o cinema; potencializa-o como linguagem formadora. E, ao fazê-lo, reafirma a convicção de que ver juntos é também aprender juntos — a pensar, a escutar, a falar e, sobretudo, a conviver com a complexidade do mundo.

Referências Bibliográficas:

ADORNO, Theodor W. Indústria cultural e sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ADORNO, Theodor W. HORKHEIMER, Max. Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

ARENDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 2016.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Porto Alegre: L&PM, 2012.

BERNARDET, Jean-Claude. O que é cinema. São Paulo: Brasiliense, 2006.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.